EXPEDIENTE.

— Entre os artigos de maior monta, com que nos vão honrando as pessoas mais competentes, terá de figurar o que recebemos esta semana do Sr. Dr. Filippe Folque. É um bem elaborado relatorio sobre a *Direcção dos Trabalhos Geodésicos do Reino e Carta Topographica*.

Obra é esta de tal transcendencia, que muito folgamos, em que a Revista, levando o a terras estranhas, vá lá mostrar que ainda temos, no paiz, quem saiba comprehender essas obras grandiosas, que são a base da prosperidade publica. — Sentimos que os limites de um agradecimento nos não deixem por hoje dizer mais nada sobre o assumpto, que é dos graves.

— Recebemos, com muita satisfação, a prova de uma mui apreciada collaboração no artigo, que nos remetteu o Sr. J. C de Figaniére.

— A pessoa, que na Exposição dos Quadros da Bemposta tinha a unica lista, que ahi apparecia, póde estar certa de que ás nossas expressões foram empregadas com o mesmo sentido, como descrevessemos a maneira como ahi deixariamos utilisar os outros de uma lista, se nós unicamente a possuissemos, sem ter a obrigação de a mostrar. É o que temos a responder á sua carta.

— Ficamos muito penhorados com a carta, que nos dirigiu um antigo collaborador deste jornal, o Sr. João Maria Campêlo, acompanhada de um artigo que brevemente será publicado. Tudo que vier de tam boa mão será bem vindo.

— Ao Sr. Gouvêa, de quem temos, ha tempos, um artigo em nosso poder, ácerca de *Instrucção Publica*, podemos asseverar que as nossas palavras do Expediente de um dos numeros anteriores, sobre um artigo recusado pelo que dizia dos parochos, de nenhum modo se refere ao seu trabalho.

Publicações recebidas. — *Agricultor Michaelense*, publicação mensal, redigido pelo Sr. Dr. A. F. de Castilho.

Vem mui interessantes e ricos de artigos, que dizem respeito á Agricultura. Como era de esperar, este jornal cada vez se torna mais indispensavel aos nossos agricultores, a quem, com o maior empenho, o recommendamos, como coisa que lhes póde servir de muito. Assigna-se e vende-se em Lisboa na loja do Sr. Lavado, rua Augusta, n.° 8.

Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, mez de abril. Contém, entre outros artigos, os seguintes: — *Spirómetro*, instrumento para medir a capacidade vital dos pulmões com a respectiva estampa: o *Cloroformio* — são umas curiosas observações feitas pelo Sr. J. Theotonio da Silva. *Fallecimento do Sr. João José Pereira*, neste artigo se publica o conciso e muj apropriado discurso, que o Sr. Dr. Barral, em seu nome e dos seus collegas, recitou junto da sepultura de um dos maiores operadores da nossa patria.

O *Archivo Portuguez*, n.° 2.

Revista Popular, n.° 12.

Jornal das Bellas Artes, segunda serie, n.° 2. Contém S. Francisco Xavier, quadro de André Reinoso, com uma estampa. Sello equestre de D. Affonso II, com uma gravura. — Os dois Artistas, novella. — E Bibliographia. — Vende-se na rua Augusta, n.° 8.

CONHECIMENTOS UTEIS.

A ESCHÓLA VETERINARIA, EM RELAÇÃO Á NOSSA AGRICULTURA.

420 Sendo a Revista o representante dos nossos interesses agricolas, na falta de outro jornal (no continente) mais especialmente dedicado a essas materias, parece-nos de rigoroso dever chamar a attenção publica, sobre as relações vantajosas, que podem existir entre a agricultura e a Eschóla Veterinaria, na occasião, em que o projecto de reforma, feita pela commissão de fazenda da Camara dos Srs. Deputados, tende, segundo a nossa humilde opinião, a, indirectamente, acabar com uma das pouquissimas instituições agricolas da nossa terra.

Estamos persuadidos, que a publicidade dos debates dos corpos legislativos seria mui limitado nas suas vantagens, se acaso a imprensa, com o seu valioso auxilio, não preparasse e esclarecesse muitas questões.

O jornalismo, entre nós, pelo que diz respeito á discussão dos nossos interesses economicos, não passa ainda da esphera, que abrangem as questões, chamadas de politica interna.

Esta verdade, confessada todos os dias, torna cada vez mais difficil e melindrosa a posição d'este jornal, que, em virtude do seu programma, e das suas promessas, por nós rubricadas, tem de acudir á discussão placida e desapaixonada dos interesses, que nem sequer estão ainda bem estudados.

Para vencer a difficuldade da posição, contemos com os nossos muitos desejos, na falta de outros elementos, que dependem do saber; e quanto ao melindre da situação, em que as circumstancias nos collocam, esperamos que a lealdade das nossas intenções afaste qualquer das nossas interpretações, que possa desfigurar a pureza das nossas palavras.

Quando dizemos — que a proposta da Commissão de Fazenda, suprimindo dois logares de lentes e um substituto na Eschóla Veterinaria, vae, indirectamente, acabar com as relações, que tal estabelecimento possa ter com a nossa agricultura, fazemos a mais completa justiça ás boas intenções dos seus illustres membros, e talvez que, no seu logar e na presença dos factos, e sem attender a outras considerações, fossemos da mesma opinião. E como á vista da despeza, feita annualmente com esse estabelecimento, comparada com os seus resultados, já tirassemos consequencias similhantes, parece-nos conveniente expôr essas considerações especiaes, a que alludimos, e que nos fizeram mudar de proposito.

Ha muito que tencionavamos fallar n'esta materia, pela intima ligação em que está com a nossa agricultura; e sentimos, que a necessidade, que tanto urge, para que se esclareça um ponto, que nos parece de importancia, venha tolher a manifestação completa do que pensamos, sobre o assumpto.

Lembra-nos de lêr, em uma obra de um dos mais distinctos agronomos francezes, que, sem gados, não podia haver lavoira. Ora, se este raciocinio é verdadeiro, como não pódem duvidar todos quantos conhecem o viver dos campos, tambem se não poderá negar, que a creação e conservação dos gados depende da importancia e desenvolvimento, que se dér ao estudo e pratica da medecina veterinaria.

Ante a força d'este argumento, a existencia de uma eschóla veterinaria em um paiz agricola, com uma organisação militar, parece uma coisa, que não tem explicação que satisfaça as questões que suscita.

É mister levar o enthusiasmo militar ao ponto, em que a Russia ou a Prussia o professam, para assentar, que o fornecimento de veterinarios para os corpos do exercito, deve ser o unico fim de similhante eschóla.

Nem que a avultadissima somma de riqueza, substanciada nos gados de um paiz, se restringisse aos cavallos de meia duzia de esquadrões.

Os preceitos da disciplina pódem ganhar alguma coisa com essa organisação; mas a agricultura póde, como no caso presente, perder até a esperança de tirar alguns resultados de tal estabelecimento.

A questão maxima, relativa á Eschóla Veterinaria, é saber se ella póde ou deve ser uma instituição util á nossa tão desleixada agricultura.

A nossa opinião é que o deve ser, visto que a creação dos gados é, em Portugal, uma preciosa mina, que ainda está por explorar, e que, para o poder ser, basta modificar a sua organisação de modo que, ou fique, como talvez convenha, completamente civil, ou de modo que não seja dominada pela organisação militar.

Não se entendendo a questão d'este modo, as reducções poderão ir muito mais longe, do que as propostas.

Supprimindo-se dois lentes proprietarios e um substituto, é evidente que, no plano dos estudos se deve cortar pelo menos metade das disciplinas, pois todos sabem, que partes distinctas de um mesmo corpo de conhecimentos não podem ser estudadas, quanto mais ensinadas ao mesmo tempo, e por um só individuo.

Ora ficando a eschóla, quasi que reduzida a ensinar a forjar e a ferrar, o quadro do seu pessoal fica sendo uma ostentação inqualificavel.

Para apoiarmos ao nossas considerações extrahiremos, para aqui, esse quadro, tal qual vem no orçamento do anno economico de 1848 a 1849.

1 Commmandante, marechal de campo reformado (*).			
Gratificação	360$000		
Forragens	146$730		
		506$730	
1 Capitão			
Soldo	288$000		
Gratificação	120$000		
		408$000	
2 Tenentes		528$000	
1 Quartel mestre		288$000	
			1,730$730
4 Lentes a 500$		2.000$000	
2 Ditos substitutos a 300$		600$000	
			2,600$000
1 Secretario, tenente		300$000	
1 Porteiro		87$600	
			387$600
			5:718$330

(*) Além do soldo incluido no cap. 9 art. 109 § 15.

Transporte		5:718$330
1 Boticario	264$000	
1 Mestre de forjar e ferrar	50$400	
		322$400
12 Alumnos (*)		762$120
Quatro premios		60$000
		6,862$850

Na presença deste extracto, juntando a 1:730$730 réis da 1.ª secção deste artigo do orçamento, 900$000 réis do soldo comprehendido no artigo 109 do capitulo 9.º, secção 15.ª, bem como 1:116$000 réis incluido na secção 7.ª do mesmo artigo, na qual figuram como officiaes em commissão na Eschóla Veterinaria, 1 tenente coronel com 576$000 réis, 1 major com 540$ réis; e o secretario com 300$000, prefaz a parte estranha ao ensino 4:046$730 réis: montando a verba indispensavel para que se ensinem as disciplinas precisas ajuntando aos vencimentos de seis lentes, os do boticario, mestre de forjar e porteiro e os premios, 3:070$000 réis. Basta examinar estas duas verbas, compara-las sem lhe juntar uma unica reflexão para justificar a justiça das intenções da commissão.

O capitulo do orçamento pede uma economia; sobre iste não ha duvida, com o que nós não podemos concordar é que ella deva sahir do ensino, que é a parte mais util e a unica, que se não póde despensar na eschóla sem grave prejuizo dos fins para que deve ser sustentada.

No que temos escripto, se descobrirá a baze em que assenta a nossa firme opinião de que a Eschóla Veterinaria para ser como deve, util á nossa agricultura, deve ter uma organisação civil embora os alumnos militares que a frequentam, estejam sujeitos a essa disciplina, que apenas se mantem com a prezença de um até dois officiaes. Reconhecemos a necessidade de uma reforma; e na proposta da commissão vêmos uma prova incontestavel dessa necessidade; mas não insistimos agora nesse ponto, para não prejudicar o principal, que é evitar que se mutile o ensino pela supressão de dous lentes e de um substituto. Temos esperanças que a illustre commissão insistindo talvez na economia ou reducção, ha-de reconsiderar como é de necessidade o ponto que sujeitou a essa reducção na presenca das solidas razões, que por differentes modos lhe serão expostas, e principalmente na representação, que por parte de todos os lentes da mesma eschóla, foi apresentada na camara pelo Sr. deputado Assis de Carvalho.

Tivemos o gôsto de poder vêr uma copia deste documento, e estamos persuadidos, que as suas conclusões não poderão deixar de ser convincentes.

Pelo que diz respeito aos signatarios, ha em toda a representação uma prova solemne de que as suas rasões são desinteressadas. Agrada-nos vêr tão nobre exemplo e não lêr em uma representação, que se dirige contra uma providencia, que póde tirar a alguns dos signatarios os meios de subsistencia, nem uma só palavra que verse sobre este ponto, antes, pelo contrario, os lentes declaram que, de bom grado, se prestariam todos, a qualquer sacrificio nos seus par-

(*) Inclue-se — pret, pão e fardamento.

cos vencimentos; mas que lhes custa ver acabar a esperança, que tinham fundado em um estudo, que devidamente desenvolvido podia ser tão proficuo á patria.

Este mesmo desinteresse nos obriga a trazer para aqui uma consideração que não incluimos no começo do artigo mas que ao presente vem a propozito.

A economia proposta, que como é facil de vêr se póde fazer sem desgraçar ninguem, recahindo sôbre tres lentes, poderia pela sua vida civil transformar na miseria o termo de uma carreira trabalhosa. Seria bem triste no fim de alguns annos de estudo mendigar em uma terra onde tantos figuram sem haverem nunca aberto um livro.

A Eschóla Veterinaria póde ser de importancia em se fixando e estabelecendo o futuro civil dos veterinarios para haver concorrencia de alumnos e auctorisando-se as camaras a mandar pensionistas seus: e em tendo boas enfermarias onde os particulares mandem tractar os animaes, bem como estabelecendo-se na eschóla uma vasta e bem armada officina sederotechnica onde os cavallos, sejam ferrados como devem ser, o que se transformaria em uma fonte de rendimento.

O quanto ella podia influir para a nossa agricultura ahi está provado em alguns dos artigos especiaes com que dois dos seus professores o Sr. Lapa e o Sr. Lima honraram estas paginas, e os quaes no conceito de pessoas entendidas, são prova cabal de que seus auctores comprehendem o que podia ser o estabelecimento a que pertencem.

Estamos convencidos que não serão perdidas as esperanças, que neste ponto de instrucção popular, temos não só em cada um dos membros da commissão de fazenda, mas em todos os membros da camara.

COMPOSIÇÃO PARA LIMPAR A PRATA.

421 M. Louyet analysou, em Paris, ultimamente um pó, que um ourives lhe levou, e de que o mesmo ourives se servia, havia muitos annos.

Esta substancia era de um côr de rosa desvanecido, macio no tocar, e de um aspecto argiloso: tinha um leve cheiro calcareo.

6 grammas deram na analyse

Carbonato de chumbo	0.816
« de cal	3.330
« de magnesia	0.318
Alumina	0.840
Silice	0.500
Peroxido de ferro	8.330
Perda	0,166

O uso d'este pó dá um brilhante mui vivo a todos os objectos de prata.

RECEITA DE TINTA ENCARNADA PARA ESCREVER.

422 Faz-se ferver cochonilha em varias porções de agua pura, até que a cochonilha deixe de dar materia colorante.

Feito isto, põe-se a ferver em agua, onde se lhe haja lançado uma porção de ammoniaco, o qual combinando-se com a substancia colorante, deixa os residuos do insecto quasi brancos. Os productos liquidos destas ebulições são misturadas em vaso de barro; e precipita se a materia colorante por bichlorido de ammoniaco de estanho. Este precipitado é tornado a dissolver em ammoniaco, e ajuntando-se lhe proto iodureto de estanho até que se consiga a intensidade que se requer, tem-se obtido uma bella tinta encarnada.

MOLESTIA DAS LARANJEIRAS.

Ao publicarmos o seguinte artigo ácerca da molestia das larangeiras, permittam os nossos agronomos, ou possuidores de pomares, que por este meio lhes roguemos encarecidamente hajam de acudir a tão grave questão com as noticias ou alvitres que a sua experiencia ou boa vontade lhes possam ministrar. E estejam bem persuadidos que receberemos sempre com alvoroço e satisfação qualquer communicação, por mais limitada que seja, em se referindo á nossa agricultura.

---

423 A molestia das laranjeiras de que tanto se ha fallado n'estes ultimos tempos, pelos estragos que tem causado, merece ser mencionada nesta Revista a fim de vêr se por este meios os nossos agronomos e botanicos estudam a causa do mal e acham o meio de o extinguir.

Em 1837 para 1838 introduziu se no Fayal, vindo da America, um arbusto do qual se desenvolveu um insecto não vulgar ou conhecido da maior parte dos zoologistas; e inficionando-se nos laranjaes d'aquella Ilha, por tal forma se propagou, que estendeu os seus maleficos effeitos a uma grande parte delles.

Consiste esta molestia em uma especie de ferrugem bem similhante á das oliveiras do continente a qual ramificando se pelo tronco com os galhos e folhas, desenvolve um insecto de que temos noticia ainda não fôra descripto pelos entomologistas, apesar de muito se parecer com a especie *Hesperidum* do *Cocus* de Linneo.

Os agronomos do Fayal apenas viram o progresso tam rapido d'este insecto trataram logo de obstar ao seu maior desinvolvimento recorrendo a varias applicações nas arvores inficcionadas; eram estas cal, azeite, enxofre applicado interiormente, espirito de terebintina, fumigações d'alcatrão, archotes queimados á noitinha para destruir o insecto no estado de mósca, barrella com sabão, sal-moira e finalmente as fezes ou pé d'azeite refinado com potassa e acido sulfurico.

Esta ultima experiencia foi a menos dispendiosa e da qual colheram melhores resultados, e por isso daremos aqui o processo da sua preparação.

Dissolvem-se aquellas materias em oito canadas de agua doce e applica-se por meio d'uma seringa tendo o cano bastante grosso e com um ralador na ponta, ou por meio de pannos ensopados. A grande difficuldade consiste em fazer chegar o liquido a todas as partes inficcionadas.

No entanto todas estas applicações não foram assaz proficuas para extirpar o mal, nem sequer atalhar o seu desinvolvimento. Alguem ha, que acredita ser a sua origem espontanea, effeito de muito viço, abafo e estrume. O nome que vulgarmente lhe dão os povos d'aquellas Ilhas é — piolho da casca.

Não obstante todos os desvellos a que se recorreu,

alguns proprietarios das mesmas Ilhas aproveitaram os seus terrenos plantando amoreiras da China — *morus multicaules*, que parece produzirem maravilhosamente n'aquelle paiz. Oxalá este exemplo se vá seguindo, pois confiamos em que a vantagem não será menor, e de certo ha de ser mais duradora e segura: porque a seda póde guardar-se por muito tempo e não assim a fructa; póde além disso hir procurar vendas nos multiplicados mercados da Europa, e não assim as laranjas, que já em alguns paizes do norte se vão aclimando.

Não pararam aqui os estragos do *Cocus Hesperidum*: lá se estenderam á Terceira em rasão do continuado commercio que entre estas Ilhas se faz, e não bastaram a isso as providencias administrativas a que se recorreu.

Mais tarde se desinvolveu tambem na Ilha de S. Miguel e tão extraordinariamente nos laranjaes do concelho de Ponta Delgada, que a progredir assim arruinará completamente muitas fortunas dos seus habitantes. Não menos solicitas foram as auctoridades d'aquella Ilha e justo é confessar que o seu governador civil Chaves e Mello uzou competentemente das attribuições que lhe conferia o Codigo Administrativo nomeando diversas commissões na cabeça de cada concelho, encarregadas de inspecionarem os laranjaes dos mesmos e direcção dos indispensaveis trabalhos para a extincção do insecto. Mais tarde não se descuidou o governo da metropole de providenciar convenientemente sollicitando tambem do Corpo Legislativo a lei de 13 de fevereiro de 1845, pela qual se estabeleceu por espaço de tres annos o imposto de 30 réis por cada caixa grande e 20 réis por caixa pequena de laranja, que se exportasse desta Ilha de S. Miguel, para ser applicado ás providencias, que julgassem necessarias para se conseguir a destruição do insecto destruidor dos pomares de laranja da mesma Ilha.

Sabemos que a recepção deste imposto e seu emprego teve devida applicação e fôra destinado em parte a indemnisar alguns cidadãos pobres, cujas laranjeiras deveram cortar se por estarem sobre modo inçadas do insecto, no intuito de salvarem a quasi totalidade dos laranjaes do Districto, e ainda mesmo para fazer as despesas indispensaveis nos laranjaes d'aquelles habitantes cujas subsistencias dependiam exclusivamente dos seus trabalhos braçaes.

Eis aqui mencionados os esforços que se tem feito e os desvellos das auctoridades superiores; porém n'estas não havia o perfeito conhecimento do insecto, da variedade e irregularidade dos phenomenos metereologicos cuja influencia, ninguem até hoje duvida, e isto era tambem essencial para tirar um resultado sobre a influencia das estações na vida vegetal e animal.

Os vegetaes estão tambem expostos ás mesmas causas nocivas que os animaes, e entre uma immensidade de causas, que pódem produsir as enfermidades e a morte dos mesmos vegetaes contam-se os animaes nocivos, e com especialidade os insectos o são sobre modo ás arvores fructiferas, como expõem muitos escriptores de agronomia.

Ora se os insectos de que tratamos são a causa da doença e morte das larangeiras, ou se a enfermidade d'essas arvores dão de si a accumulação dos insectos em as mesmas, como acontece nas oliveiras e sua ferrugem, é este um ponto que requer ser examinado devida e technicamente para com verdadeiro conhecimento se classificar o insecto e estudar o seu antidoto.

O celebre agronomo *Derlong Champs* tracta de um insecto que ataca as arvores desta familia: é possivel que seja o mesmo que apparece nos laranjaes das nossas ilhas ou que seja similhante a este: é um genero novo a que appelida *Dortheria* e que tem feito consideraveis destroços nos pomares que tem invadido e que, posto para a sua extincção se hajam tambem empregado as fumigações de enxofre e tabaco, bem como as aspersões com agua de cal, vinagre e cosimento do tabaco, tudo tem sido infructifero; lembrando este distincto agronomo, que o meio mais efficaz que achou, foi cortar logo o primeiro ramo que se inficcionou por taes insectos, e queimal-o; e accrescenta, que as chuvas de verão ás vezes os destroem, e que em todo o caso é excellente abrir bem as larangeiras, para que tenha perfeita circulação o ar por entre ellas.

Fordyce, agronomo distincto, vendo a destruição de muitas arvores deste genero por uma especie de *coccus*, a qual originava nas mesmas umas tuberosidades e especies de cancros, que as destruia, lembrou-se de cortar estes tumores, e faser-lhes aspersões d'uma solução de sabão com ourina, e cobrir depois as feridas com uma mistura de cinza de ossos queimados com a dita solução, e pondo sobre os mesmos lugares dos nós ou tumores cortados, uma mistura de cinza de lenha, e de ossos queimados com um oitavo de cal viva, tudo bem moido e peneirado.

Taes são os esclarecimentos que obtivémos de pessoas competentes, de algumas das quaes, extrahimos parte dos seus trabalhos sobre a materia; e registando aqui estes alvitres, — oxalá elles possam ser postos em pratica com vantagem dos proprietarios dos laranjaes inficcionados, — delles exigimos a mais seria attenção no desenvolvimento do mal, e uma descripção, quanto possa ser technica nas suas diversas phases, com o vigor e força da vegetação das arvores, os cuidados empregados na sua cultura, sua exposição em relação aos quatro pontos cardeaes do horisonte e nivelamento do terreno em relação ao mar, não esquecendo de mencionar todos os phenomenos atmosphericos por mais insignificantes que sejam.

Alcançadas estas comparações, os nossos agronomos terão em que basear as suas analyses, e poderão em proveito da agricultura aconselhar alguma coisa de transcendente utilidade e confiamos muito que os exemplos dos nossos academicos, o Sr. Antonio Soares Barbosa em respeito á ferrugem das oliveiras, e Trigoso nas notas á Memoria de Dalla Bella sobre a oliveira dos quaes se tirou tão grande honra e proveito, não deixarão de ser tambem agora seguidos com o fim de conseguir-se o mesmo resultado quanto á molestia das laranjeiras.

Albano da Silveira.

CATHECISMO DO OPERARIO. *

IV.

Das coallisões.

424 O peior de todos os meios para o operario expôr e fazer valer os seus direitos é a coallisão:

Porque as mais das vezes não é senão obra de uma

* Vem do n.º 24.

minoria turbulenta que prepondéra sobre a maioria pacifica;

Que não hesita em recorrer á violencia para fazer saír esta das officinas, sem lhe importar que espera todas as tardes o pão quotidiano, que vae faltar lhe.

E tudo para se achar muitas vezes, depois da escaramuça, no mesmo ponto de partida;

Isto, com os mesmos salarios, mas com alguns dias de trabalho de menos.

Ou se a coallisão alcança, por causa da necessidade do momento, concessões exaggeradas que levantam o producto acima do preço porque póde entrar no consumo,

A reacção não tarda que se sinta:

Então, ou se ha de renunciar ás concessões, ou se ha de contar com a diminuição do numero dos trabalhadores, e talvez com as officinas fechadas.

Calcule o operario o que terá ganho com estas fluctuações; é provavel que no fim do anno ache zero no seu balanço, se não saldar com deficit.

O mal das coallisões é provocar as contra-coallisões.

Por isso temos visto coallisões de mestres em contraposição ás dos officiaes, e resultarem deste conflicto tristes effeitos quer para uns, quer para outros.

Ninguem se sustenta, nem a sua mulher e a seus filhos, simplesmente com a tarifa dos salarios, mas sim com o producto real do trabalho feito.

O mestre que hesita, nas epochas de trabalho abundante e productivo, em fazer participantes seus operarios dessas vantagens accidentaes, é injusto.

O operario, que nas occasiões de falta de trabalho e difficuldade de emprego, reclama melhoria de jornal, não é menos injusto:

Demais disso é absurdo porque exige o impossivel.

É necessario, é indispensavel até que o operario tenha meios regulares de fazer valer os seus interesses.

Com effeito, em certos ramos da industria, longamente se achou abandonado ao desamparo individual; o que não permittia que fosse ouvida a sua voz, e pelo contrario era causa de que homens cubiçosos especulassem com o suor delle.

Chegou a épocha de fazer com que elle gose, qualquer que seja a sua condição, do beneficio e da força tutellar da associação.

Adiante trataremos deste ponto.

Porém, com associação ou sem ella, lembrem-se todos os que trabalham que são irmãos ao mesmo tempo como homens, como christãos (e ha poucos que entre nós o não sejam) e como trabalhadores; que são iguaes:

Que por este triplicado titulo devem uns aos outros ajuda e protecção:

Que pelo mesmo titulo, nenhum tem direito, nem segundo a natureza, nem segundo a moral, nem segundo a lei, de opprimir outro.

Ora, impedil-o de trabalhar ou constrangel-o a isso, por qualquer causa que seja, é oppressão;

Intrometter-se officiosamente nas condições de seu trabalho para lh'as fazer acceitar ou impor-lhe outras novas, é oppressão;

Oppor-se a que exercite a sua industria onde lhe apraz, é oppressão;

A não estar ligado por ajustes positivos, livremente por elle consentidos, que o obriguem a alguma destes coisas:

Ainda mesmo que o acto seja praticado a seu respeito com boas intenções, não deixa de ser oppressivo.

Nenhuma lei divina ou humana dá direito a um homem de fazer bem a outro contra vontade delle, ou por um modo que não é o modo delle: salvo para o preservar de um perigo material, ou subtraíl-o ao suicidio.

O que ao primeiro parece um bem póde ser realmente para o outro um mal.

Ninguem é, portanto, chamado, á excepção dos poderes constituidos e nos casos explicitamente prevenidos pelas leis, a se arvorar em juiz do interesse alheio. (*Continúa.*)

MEIO FACIL DE CONSERVAR AS UVAS.

425 Um agronomo communicou á *Sociedade real de agricultura, de Paris*, o seguinte processo notavel pela sua extrema simplicidade.

Consiste em cortar, quando as uvas estiverem maduras, o cacho pegado á haste da parreira, e metter em um vaso cheio de agua, a haste em que prende o cacho, deixando o pender á vontade.

Por este modo, diz aquelle agronomo, conservou elle desde outubro de 1846 até fins de março de 1847, uns vinte cachos de uvas.

Os cachos conservaram-se dentro de um balde com agua, que nunca se mudou, e fechados em uma casa.

NOTA DOS LEGUMES SECOS DESPACHADOS PELA ALGANDEGA GRANDE DE LISBOA, PARA CONSUMO NO ANNO DE 1847.

426

ARROZ.	ERVILHA SECCA.	FAVA.		FEIJÃO.		GRÃO.	
quintaes.	alqueires.	moios	alq.	moios	alq.	moios	alq.
13.931	42	1.995	38	3.194	301	1	8

MEIO PARA CONHECER SE A COR DO VINHO É ARTIFICIAL.

427 M. Muller recommenda, nos seus *Archivos de*

Pharmacia, o uso do acido picro-azotico para conhecer se o vinho tinto foi colorado artificialmente.

Lançando se em vinho tinto uma porção de picro-azotado de potassa, resulta constantemente uma mudança de côr; e o vinho, tinto naturalmente, torna-se cinzento, amarello, apparece sujo, e depois turvo; em quanto o colorado artificialmente toma uma côr de encarnado-carmesim, e conserva-se limpido.

MORTALIDADE DA ESPECIE HUMANA.

428 De uma estatistica, publicada recentemente, lêmos que de 1:000 individuos, morrem, termo médio, 500 de edade de 1 a 19 annos; 100, de 19 a 37 annos; 100, de 37 a 51; 100, de 51 a 62; 145, de 62 a 72; 51, de 72 a 79: 25, de 79 a 84: 16, de 84 a 9; em fim 8 de 90 a 96 annos.

O celebre medico e naturalista Alberto de Haller fez, em 1777, um quadro estatistico dos cazos mais extraordinarios de longevidade humana. alli se vê que 1:000 individuos viveram de 100 a 110 annos; 60, de 110 a 120; de 120 a 130; 15, de 130 a 140; 6, de 140 a 150; e 1 finalmente que morreu de edade de 169 annos.

Em nossos tempos, uma existencia de 100 annos tem-se tornado uma excepção cada vez mais rara.

PARTE LITTERARIA.

O PRESO. *

XXIII.

429 Se não fosse o Procurador Regio ficaria aqui toda a vida. Sempre me pareceu um santo homem.

Ainda não posso acreditar na serie de fatalidades, que me tem perseguido!

Foi Deus que me sugeriu a lembrança de implorar justiça a esse magistrado.

Na visita do mez que acabou, quando veio á minha prisão, logo que os presos se formaram, descobriu a afflição em que eu estava, e adivinhou, que muito lhe desejava fallar.

Animado pelas suas palavras, contei-lhe o acontecido a meu respeito.

Fez algumas perguntas aos que o acompanhavam, e depois no maior desespero, exclamou — « Pobre homem! parece impossivel. » Ficou muito frenetico e apenas pôde dizer-me — « Ámanhã quero fallar-lhe. »

Não faltou no dia seguinte e foi então que se rasgou o véu de illusões e de enganos, que ha tanto me escondia a minha verdadeira situação.

Nem só o descuido, que houve em me confundirem com outros presos, que da cadêa do Porto mandaram para Lisboa, complicou o meu processo. Além d'isso houve ainda outra causa, que muito influiu na demora que tenho soffrido, e pela qual nem sequer eu tinha dado.

Antes de entrarmos na cidade, como quasi todos os meus companheiros fossem homens já sentenciados a degredo, tentaram fugir, desarmando a escolta.

Houve então um conflicto em que não tomei parte, alguns fugiram, e durante a desordem foram feridos alguns soldados. — Lembra-me que accudiram certas auctoridades; mas o que eu ignorava é que sobre o caso se tinha instaurado um processo, que anda correndo n'esta cidade.

Depois que aqui estou, teem-me entregado varios papeis, mas como não entendo nada d'estas argucias, logo os dava a meu pae, sem ao menos os lêr.

Do advogado, que ora temos, me não admira que não désse por estas contradicções. Meu pae quasi nunca lhe podia fallar, e se o encontrava nem lhe dava attenção. Dizia sempre, que os seus muitos negocios lhe não deixavam um momento de descanço. O que chega a indignar-me é o pensar na falta de charidade do advogado a quem pagamos, o qual, sem nos dizer nada, deixava confundir um processo com o outro.

Parece impossivel, que por este modo se especule com a boa fé e com a innocencia.

Emfim o Procurador Regio explicou-me tudo. O processo da fuga e attentado contra a escolta segue os seus tramites, mas, o do crime de morte de que me accusam, só no Porto se póde decidir.

Quando o advogado me mandou o tal libello podia tambem dizer-me isto mesmo.

Santo Deus!... preciso ter muita resignação para d'este modo ser victima da injustiça, com que os homens valem a seus irmãos.

Ainda não posso imaginar como tantas coisas se tenham combinado contra mim, e, mais, vivo cercado de muitos infelizes em identicas circumstancias.

N'este ponto as visitas á cadêa, feitas com bastante cuidado, podem produzir bastantes beneficios.

Nunca pensei, quando era livre, que na mesma terra em que vivia, um homem, fallando a mesma linguagem que eu fallo e penando em os horrores de um carcere, podesse dizer, se eu lhe fosse perguntar porque ahi estava — « Não sei, fui sentenciado, cumpri a minha sentença; mas esqueceram-se de mim e ha annos que aqui estou, sem que haja nenhum direito para me privarem da liberdade! »

* Vem do n.º 24.

Alguns nem sabem onde param os processos, e como não ha quem se interesse por elles, envelhecem nas enxovias, sem que a esperança do livramento lhes minore a intensidade dos padecimentos.

Se fosse bem publico o que n'esta casa se passa, se lá fóra constasse, que havia aqui homens que os tribunaes condemnaram a alguns mezes de degredo, e que ha annos esperam pela liberdade, que, ha tanto, lhes pertence, era impossivel que taes atrocidades continuassem.

O que me acontece é apenas uma sombra do que aqui se passa.

O preso é o ente mais infeliz do mundo. Arremessam-n'o para uma enxovia, e depois fica o misero sem saber o que ha-de fazer. Todos especulam com a sua desgraça. Os que se interessam por elles passam por importunos, e não lhes dão attenção.

Os parentes do preso são tractados por toda a parte, como o são pelos guardas da cadêa.

Sinto uma afflicção que me oprime o peito, quando vejo algumas pobres mulheres serem injuriadas, porque vem trazer o jantar a um filho, ou a um marido.

O preso pobre e a sua familia são coisas de que os outros homens não fazem caso. Ainda quando todos fossem criminosos, a charidade nos ensina, que são nossos irmãos: mas os innocentes são aqui tantos como os culpados; e para estes basta, que a prisão em logar de ser uma prevenção, seja um castigo.

Como meu pae não hade ficar contente, quando eu lhe contar o que o Procurador Regio fez em meu favor!

Não se póde levar mais longe a bondade do coração.

Ao findar a conferencia que teve comigo disse-me: — « Esteja descançado; no Porto não lhe hade acontecer como em Lisboa; quando para lá partir, levará uma carta minha para um advogado, que não olhará com indifferença para o seu processo, e que se interessará pela sua sorte, como todos os advogados respeitaveis se devem interessar. »

A recordação de taes palavras é para mim uma esperança e ao mesmo tempo um novo pesar.

Vou partir desta cidade ainda preso, e deixando Margarida captiva da loucura e da barbaridade.

Ainda não a vi, é verdade, depois que estou em Lisboa; mas costumei-me á idéa de que ella vivia perto de mim, e esta separação vae custar-me como se fôra uma verdadeira ausencia.

Ir para mais longe não é ficar mais ausente do que estou.

Não ha maior distancia no mundo do que a que existe entre dois carceres.

(Continua.)

MARINO FALIERO.

TRAGEDIA DE MR. CASIMIR DELAVIGNE.

TRADUZIDA EM VERSOS PORTUGUEZES.

POR

J. da S. Mendes Leal Junior.

CARTA DO SR. MENDES LEAL AO REDACTOR.

Meu Amigo

430 Ahi vae a minha traducção do *Marino Faliero* de Casimir Delavigne. Uma traducção em terra onde se está costumado a vêr e tolerar tantas, e tão mascavadas e inintelligiveis, é coisa naturalmente de pouca monta e valia. Verter um livro ou uma péça de theatro é a coisa, que em Portugal se faz com mais facilidade: é como agenciar eleições. Nem é preciso que o traductor saiba a lingua para que traduz, e entenda o idioma de que traduz: essa é a menos especial condição: — quem não tem que fazer, faz uma versão.

Tambem eu já fiz traducções: mas vendo que tinha tantos concorrentes, abri mão do exercicio como coisa de pouco proveito, e de ainda menos honra.

Quando os acontecimentos politicos me levaram ao Porto em 1846, aconteceu-me reler pela quinta ou sexta vez a tragedia de *Marino Faliero*: li-a com descanço e reflexão e admirei-a cinco ou seis vezes mais do que antes. Fui-me apaixonando tanto das bellezas da obra, que, não tendo com que me distrahisse e precisando occupar-me, resolvi-me a traduzil-a. Mas fiz uma traducção para mim — quer dizer, meu Amigo, que é uma traducção trabalhada com amor e consciencia. Não sei se aproveitei o trabalho; mas posso lhe affirmar que diligenciei quanto me foi possivel passar para a nossa lingua, não na lettra, mas no espirito que é o verdadeiro, toda a elegancia, toda a riqueza, toda a energia e toda a vehemente concisão do poeta francez.

A arte admiravel com que, nesta peça, as scenas se travam e se justificam mutuamente; e o tacto assombroso com que está pintado em traços subtis, sem escandalo para os olhos, quadro tão melindroso; os sentimentos diversos, o terror, a piedade e a compaixão que se alternam ou combinam nesta epopéa de familia, são fórmosuras exclusivas do auctor. Senti-as vivamente e procurei exprimil-as como as sentia. Quiz ser fiel, sem escravidão; e livre, sem licença. — Em boa fé creio ter conseguido alguma coisa disto. Conhece-me; sabe perfeitamente que não sou muito propenso a fazer a minha apologia: tenho, por consequencia o direito de ser accreditado.

Em todo o caso, ella ahi vae. Era um trabalho só para mim, como lhe disse. Se o publico por acaso não gostar, a culpa é sua, que foi o meu Amigo quem me instou. V. avalia todas as difficuldades que venci, ou busquei vencer. Avalial-as-hão mais duas duzias de

pessoas: o resto ha-de aprecial-as como um romance de Paul de Kock. — É o mesmo: — eu tambem não escrevo para esses.

Veja que é o responsavel, n'isto, da boa ou má sorte do seu

Muito Amigo e muito obrigado

José da Silva Mendes Leal Junior.

—

RESPOSTA DO REDACTOR.

431 *Meu querido amigo* — Quando me encarregaram da redacção da REVISTA não pensei, que, ao terminar esse encargo, poderia ficar possuidor de um verdadeiro thesoiro de amizade e indulgencia. Só a estas duas causas posso attribuir o modo, como tantos dos nossos distinctos escriptores se teem dignado honrar as paginas deste jornal, desde que os meus pobres trabalhos ahi figuram.

São estas provas repetidas, de que ainda existe, quem se interessa pela gloria de um jornal scientifico e litterario, que me dão animo para continuar no empenho de conservar a REVISTA, digna do nome illustre do nosso commum amigo, que com tanto amor e enthusiasmo a fundou.

Não pensei, que no thesoiro em que lhe fallo, se incluisse a joia de subido preço, que acompanhou a sua delicada carta.

Que dirá o mundo, meu bom amigo, vendo um nome tão prosaico e obscuro como o meu na frente de uma das mais poeticas traducções, que tenho lido na minha vida?

É mister que todos saibam, que somos amigos velhos e que a sua delicadeza é tal, que tenta fazer o milagre de me conceder o que não possuo.

Só com esta declaração mui solemne, é que eu destruirei a admiração, que a sua carta possa produzir no animo dos que sabem o pouco que eu valho, para subir a taes alturas.

Insisto no contraste que existe entre a obra e o meu nome, porque estou intimamente convencido, que esta sua traducção vae figurar com muita gloria, não só ao lado das obras brilhantes do seu fecundissimo talento, como tambem nesse livro que a nossa incuria, por em quanto, deixa estar quasi em branco e que um dia se hade chamar — Historia da litteratura moderna em Portugal.

Digo-lhe isto, porque não é só opinião minha. Tal opinião, se não a tivesse bem auctorisada, sepulta-la-hia no silencio, porque de nada poderia servir.

Foi a fama, que me guiou os passos para lhe rogar a publicação do *Marino Faliero*.

Pessoas mui competentes que ouviram lêr esta traducção, me fallaram por tal arte, que para logo pensei seria uma desgraça, se a nossa litteratura não a possuisse quanto antes.

Concordo perfeitamente no que me diz ácerca do uso e abuso, que em a nossa terra se tem feito das traducções: mas desculpe-me se hoje a tal respeito lhe não digo coisa alguma.

Não posso lembrar me de tão irrisorios disparates e de tão graves peccados, contra a nossa formosa linguagem, depois de passar uma noite quasi inteira na repetida leitura da sua primorosa traducção e do seu encantador original.

Sou ha muito apaixonado de Delavigne. Gostei sempre da casta e bella virtude antiga, que elle tão ricamente adornava, com as pompas magestosas do estylo moderno: mas nunca fui mais seu apaixonado do que esta noite, quando depois de escutar a infausta historia desse facto, que o meu amigo com tanta felicidade qualifica de epopéa domestica, cantado por Byron n'aquella lingua, que tão pouco se presta ás brandas e meigas inflexões do amor, interroguei a lyra de Delavigne para que ao som das suas tão meigas e sentidas harmonias, me desvanecesse o sombrio horror de que me repassára a alma o excentrico cantor de D. João. Byron, é por certo, um dos escriptores inglezes, que mais dominou a sua lingua, escondendo algumas das agrestes fórmas entre as flores de um genio extraordinario, apezar do que o escriptor francez suavisa mais a expressão desse quadro, que não se presta muito á suavidade. Foi no fim de lêr estes dois poetas, que a sua traducção me maravilhou.

As lagrimas, que me arranca do coração aquelle amor tão desditoso e vehemente, sympathisam com a descripção feita de modo, que facilmente se adivinha, que foi nessa linguagem, que um sacerdote captivo escreveu os trabalhos do Redemptor; que um poeta escreveu as suas ternas saudades; e que um chronista celebre escreveu na historia de um convento as maravilhas da lingua mais primorosa do mundo. Traduzir assim é compor duas vezes. Esteja certo, que mal a REVISTA se honre com a publicação desta sua estimavel producção, hade-se convencer, que apenas são o echo mui debil dos louvores geraes, os parabens e agradecimentos, que por este meio lhe envia o seu

23 de maio de 1848. amigo e admirador muito obrigado.

S. J. Ribeiro de Sá.

—

432 PERSONAGENS.

Marino Faliero — Doge.
Helena — sua esposa.
Lioni, Patricio — Um dos dez.
Fernando — Sobrinho do doge.
Steno, moço patricio — Um dos quarenta.
Israel Bertuccio — Patrão do arsenal.
Beltrão — Esculptor.
Benetindo — Chefe dos dez.
Pedro — Gandoleiro.
Strozzi — Condottieri.
Verezza — Famulo do conselho dos dez.
Vicenzo — Official do palacio Ducal.
O secretario do conselho dos quarenta.
Os Dez.
A Juncta.
Os Srs. da noite.
Gondoleiros.
Condottieri.
Guardas.
Cavalleiros.
Damas.
Mascaras.

Veneza — 1355.

ACTO I.

A Camara do Doge.

SCENA I.

HELENA *sentada, bordando uma banda de seda.*

Uma charpa de lucto, sem diviza!
Triste prezente!.. — Embora: — prometti-lha:
Devo, devo acabal-a. — Dos remorsos,
Subjugado a final, depois da culpa,
Nossas margens deixou. — Este é seu premio:
Este o pague do exilio voluntario!
(Ergue-se e assoma á janella.)
Ai! que lindo! que lindo! — Lindo dia,
E lindo mar, e lindo céu radioso!
Entre o mar, entre o céu, como és formosa;
Ó Veneza! — Só elle vêr não póde
Este mar e este céu, que amava tanto:
Duas patrias não ha; Veneza é uma!
E eu choro... — Choro, sim; choro, Fernando;
O meu crime e o teu crime. — Em fim, que importa?
Para que hei-de eu chorar? — Não tem remedio:
O pranto nada apaga, corre embalde!
Meu nobre esposo quer-me satisfeita;
Procuremos sorrir: é-me preciso;
É forçoso, e talvez...
(Assenta-se e abre um livro.)
Se eu lesse agora!....
Oh! Dante, oh! meu poeta!...
(Põem-no de parte.)
Não; não posso!...
Oh! que vezes que o lemos ambos junctos...
Nunca o li mais.... — Quem sabe se estes versos
Poderão consolar me na saudade?
(Retoma o livro e lê:)

— Por mim se desce á estancia dolorosa,
E dos prantos á tétrica cidade;
E dos proscriptos á mansão penosa;

Dos fundamentos meus a immensidade
Poz-ma um Deus, implacavel na vingança:
Precedeu-me somente a Eternidade.

Como ella a mão do tempo não me alcança
E tenho escripto: «ó filhos da maldade,
Entrae; aqui findou toda a esperança!»

Oh! que futuro! oh! céus, que prophecia!
Tremo! — Será por mim que estas estrophes
Fazem fallar, medonha, a voz do abysmo?
D'esse abysmo onde um Deus, irado e justo,
O amante mais a adultera mergulha?
Que vi eu? — Onde estou? — Fernando....

(Continúa.)

NOTICIAS.

ACTOS OFFICIAES.

DE 18 A 23 DE MAIO.

Diario do Governo n.º 117.

433 Modificações feitas no regulamento de 30 de janeiro de 1846 na parte relativa ao Theatro de D. Maria II.

Dicto n.º 119.

Carta de lei mandando proceder a uma Loteria de 400 contos de réis em Titulos de Divida fundada interna de 5 por cento, destinada exclusivamente para a amortisação das Notas do Banco de Lisboa.

Dicto n.º 120.

Partecipação feita ao Commercio pelo Ministerio dos Negocios Estrangeiros, de que o Governo dinamarquez declarou em effectivo bloqueio os portos de Stetin, Stralsund e Wismar, de Pillau e de Dantzig.

BRADO A FAVOR DOS INFELIZES ALIENADOS QUE EXISTEM NAS HORRIVEIS ENFERMARIAS DO HOSPITAL DE S. JOSÉ.

434 No dia 20 houve na Camara dos Srs. Deputados um facto, que impõe aos representantes da nação uma grave e tremenda responsabilidade.

O Sr. José Lourenço da Luz appresentou um projecto de lei de dotação para um estabelecimento de alienados, mandado crear pelo decreto de 3 de julho de 1842.

O illustre professor da eschóla Medico-Cirurgica foi ouvido no meio do mais profundo e respeitoso silencio.

Assim devia ser.

As palavras do distincto deputado eram o echo d'esse desespero terrivel, aggravado pela tenebrosa hediondez do mais immundo dos carceres; eram a repetição dos gemidos da saudade e da compaixão, sahidos do seio das familias infelizes, que tem visto a loucura arrancar-lhe dos braços as suas affeições mais queridas, para irem penar em vida no inferno, que no hospital de S. José se chama — Enfermaria dos doidos!

A humanidade e a civilisação apoiam a proposta do Sr. José Lourenço da Luz.

Como sacerdotes da imprensa juntemos a nossa voz á de alguns dos nossos collegas, para tributar ao Sr. José Lourenço da Luz o louvor que por tão grande acção lhe é devido.

Esperamos que o corpo legislativo se apresse a solver a obrigação que lhe impoz proposta de tanta monta.

JORNAL MENSAL.

435 M. Alexandre Dumas acaba de publicar em Paris um jornal mensal, intitulado — O Mez, *Revista mensal, historica, e politica de todos os acontecimentos, dia por dia, e hora por hora.*

Sahem 12 numeros cada anno; e cada numero fórma um volume. Estes 12 numeros custam, por anno, 4 francos, ou 640 réis!

Já sahiu o primeiro numero, que narra os acontecimentos occorridos desde 20 de fevereiro ultimo a 30 de março passado. Este primeiro numero é todo escripto pela penna de *M. Dumas*.

Para dar uma leve idéa do jornal extrahimos do seu prospecto o seguinte trêcho: —

« Quadro de Paris, quadro da Europa, quadro do « Mundo: eis o que nos encarregaremos de appresen- « tar cada mez á curiosidade de nossos subscriptores. « Tudo o que se tiver passado, dia por dia em Paris, « dia por dia na Europa, dia por dia no Mundo, nós « o narraremos. Como o movimento do Universo in- « teiro se imprime a esta roda de chamma, que se de- « nomina Paris, é o que nós trataremos de fazer com- « prehender fazendo-o vêr. O nosso jornal será o li- « vro mais curioso que se possa alcançar, pois que, « não somente Paris, não somente a Europa, porém « o mundo inteiro, comparecerão diante de nós. No « fim, o nosso trabalho é facil. A Providencia nol-o « indica. Deus dicta, e nós escrevemos. »

OPERAS ALLEMÃS.

436 As seguintes operas lyricas estão-se representando na Allemanha, com acceitação: *Leila*, por *Edg. Mansfeld*, em Hamburgo: *Bianca e Giuseppe*, opera romantica em tres actos, por *Kittel*, em Praga; o compositor foi chamado quatorze vezes para ser applaudido: — O *Bailio de Berne*, em 4 actos, por *Ed. Conrad*, em Sondershausen: — *Barbarossa*, por *Hermann*, applaudida com enthusiasmo em Leipsick: — *Cœsario*, por *Ch. Gollmick*, em Dusseldorf.

COMPOSIÇÕES MUSICAS.

437 O celebre compositor da *Ode-Simphonia* do Dezerto, Félicien David, acaba de publicar, *L'Hymne à la fraternité*, e um romance intitulado *L'Amitié*. Lemos que são dignos do auctor, e que não desmentem a reputação da ode do *Dezerto*.

Berlioz acaba de publicar *La mort d'Ophélie*; — *Meyerbeer*, *le Printemps caché*; — *Vivier*, *La Régina*, e *Casta*; — e *Kastner*, *La dernière heure du bal*.

COMPANHIA LYRICA DE CADIZ.

438 Esta Companhia, segundo lemos em um jornal hispanhol, acha-se já contractada para dar quarenta representações. O seu reportorio é bem escolhido. No numero dos actores, que n'ella hão-de representar, contam-se os seguintes — as Sr.as Persoli, e Grimoldi; — Maestro director da Companhia, F. Schira: — actores Carlos Porto; e Casanova. — Primeiro apontador — Caetano Fontana.

MORTE DE UM AGRONOMO DISTINCTO.

439 *O Agricultor Michaelense*, esse nosso irmão de além-mar, a quem nos ligam laços de nacionalidade, de intenção e de respeito, entre a cópia de importantes novas, para a nossa tão desprezada e util agricultura, trouxe-nos uma noticia, que muito nos magoou o coração.

Ao cabo das 16 paginas do seu n.º 4, depois de havermos espairecido a alma, por esses amenos campos, em que os desejos de concorrer para a prosperidade da patria, fazem brotar fontes de verdadeira riqueza; e ao passo que os sentidos se nos embriagavam com o perfume d'aquellas mimosas e raras flores, que só o genio de um grande poeta sabe cultivar, se nos deparou uma urna, meia coberta pelo crepe funebre, e guardada por um cypreste agudo como um gemido da saudade, e por um chorão, triste como as lagrimas dos que choram á beira das sepulturas.

Lembrámo-nos de uma das celebres balladas de Burger, em que o poeta esconde a hera, como presentimento da morte, entre as mais risonhas flores, que podem simbolisar a vida.

Entre aquelles homens benemeritos, que ao continente estão dando esse proveitoso exemplo de que já fallámos, quando escrevemos um artigo sobre a Sociedade Promotora da Agricultura Michaelense e o seu jornal, ha hoje um de menos, porque a morte de subito o levou, para essa mansão onde o justo esquece o desterro que padeceu no mundo!

O agronomo distincto, de quem estamos chorando a perda, era o Sr. André do Canto.

Foram-no achar morto na manhã de Sexta Feira Maior, com um livro de economia rural aberto sobre si, como se no ultimo momento da vida se tivesse ainda lembrado do que tanto concorreria para lhe illustrar a saudosa memoria.

Perto da sepultura, na presença do numeroso concurso de amigos, que foram assistir a essa ultima despedida, o Redactor do *Agricultor Michaelense*, deixou sahir do peito um d'esses improvisos, que só a morte, a amizade e o amor da patria sabem inspirar.

O jornal que redigimos é, pela origem e pelo plano, irmão do que tão sentidamente pranteou a morte do Sr. André do Canto.

É de bom irmão, acompanhar na dôr o irmão que padece.

O Redactor actual da Revista não podia deixar de levar aos pés d'essa urna um ramo de incultos goivos, que mal podem devisar-se junto das flores que ahi lançou o Redactor do *Agricultor Michaelense*. Mas, para que a offerta do pobre se não suma, entrelaçaremos em a nossa mesquinha corôa, algumas das flores que foram offerecidas pelo nosso amigo, exarando aqui o remate do seu discurso, o qual resa por esta fórma: —

« O pensamento religioso se confunde diante de taes exemplos; quem sondará os segredos divinos?! a vida é um tecido de mysterios; a morte é o mysterio supremo! mas se a vida nos revela constantemente o amor de quem nol-a deu, como poderia a morte desmentil-o? Eu por mim, Senhores, que não entendo o nosso Deus senão pelo meu coração, quando vejo, no dia mais solemne da redempção christã, desapparecer inesperadamente da terra, um homem, que se havia votado ao pensamento da felicitação do povo, e pela agricultura ao desempenho das mais bellas obras de Mizericordia, concebo logo, como quasi infallivel, a idéa do premio. Quando os ultimos passos foram fir-

mes, pelo caminho da beneficencia, a sepultura, como que despede de si resplendores, e nos profetisa ao ouvido do coração muitabem aventurança. Conclúo. Senhores, lembrando a todos nós os deveres, que o nosso commum amigo nos deixou; como filhos d'esta religião, que não reconhece morte, mas só separação temporaria, e nos ensina, que do mundo visivel para o invisivel póde haver permutação de beneficios, pedenos orações, não lhas recusaremos; como homens, como portuguezes, como concidadãos, devemos suppôr, que nos deixou em legado o seu querido pensamento de bem fazer á terra patria: vivamos pois como elle viveu, e expirou: vivamos com a agricultura, isto é, com a felicidade pública abraçada sobre o coração.«

PRAÇA DE PARIS.

7 DE MAIO.

440 Em virtude da reunião da Assembléa Nacional os fundos publicos de 3 por cento chegaram a um preço firme de 47 por cento, os de 5 por cento a 69 fr. e 25 c. por cento. As letras do thesouro negociaram-se a 31 e meio por cento de desconto. As acções do banco subiram a 1.420 fr. — Obrigações da cidade de Paris 1.050 fr. — Nas acções dos caminhos de ferro houve baixa, nas de Versailles, Centro, do Norte, de Strasbourg, de Tours. Não variou o preço dos de Orleans, Havre, Bâle, Bordeus e Leão.

Os fundos napolitanos negociaram-se na Praça a 70 fr., os cinco por cento romanos a 63 e meio por cento, os tres por cento hispanhoes a 22 e meio.

16 DE MAIO.

Em consequencia da ordem publica se haver alterado, baixaram todos os preços cotados.

REPUBLICA CONJUGAL.

441 Assim se intitula uma chistosa comedia do Sr. D. Thomaz Rodrigues Rubi representada pela primeira vez em Madrid no Theatro do Principe em a noite de 16 do corrente. Agradou muito, tanto pela propriedade e rapidez do dialogo, como pela originalidade de alguns caracteres que apresenta. O auctor foi applaudido com o maior enthusiasmo.

ASSOCIAÇÃO CONSOLADORA DOS AFFLITOS.

442 Temos a satisfação de poder noticiar que esta mui piedosa Associação, continúa com santo fervor na obra abençoada da sua organisação e progressivo deservolvimento.

Muitos nomes de associadas se poderiam já acerescentar, aos que os leitores viram na lista que tivemos a honra de publicar e na qual por erro de copia se deixou de mencionar o da Exm.ª Sr. D. Isabel L. Biester.

Aproveitemos esta occasião para declarar, que o decreto que approvou a Sociedade é de 28 de junho de 1847 e não de 18 de junho como neste jornal se disse.

PRAÇA DE LISBOA.

24 DE MAIO.

443 Fundos publicos de 5 por cento: 47 e meio a 48, de 4 por cento 40 por cento. Acções do Banco de Portugal, 360$000 a 365$000; sobre o fundo de amortização 47 a 48.

Titulos azues, de 5 a 6 por cento em moeda metalica. Papel moeda 12 a 13, na mesma especie: e titulos das tres operações, 15 a 16 tambem em metal. Desconto de notas 52 a 53. São procuradas.

PAPEIS DE CREDITO FALSIFICADOS.

444 Começa a correr no tribunal do 1.º Districto Criminal, um processo grave contra um tal Vicente Emigdio Xavier de Almeida, corretor de papeis de credito e accusado de falsificar cerca de 30 contos de papeis de differente natureza. Grande parte desta somma se acha em poder de pessoa, que por intenvenção do tal corretor empregava os seus capitaes. Convem que o facto sirva não só de exemplo, mas tambem de advertencia.

THEATRO DE D. MARIA II.

445 Consta-nos que este theatro lucta ainda com as difficuldades de receber, regularmente, o subsidio, que lhe foi concedido. Somos tam imparciaes para julgar o modo como o theatro desempenha os seus deveres litterarios, que não podemos deixar de levantar a nossa voz, para que definitivamente se faça com que esse edificio, construido com tanto dispendio, seja conhecido como tumulo da arte dramatica ou como seu templo.

THEATROS LYRICOS ESTRANGEIROS.

446 Em quanto o nosso Theatro de S. Carlos se conserva fechado, Deus sabe para se abrir como e com que, vamos noticiando o que vae pelos Theatros Lyricos desse mundo.

Em Paris no *Theatro da Nação*, repetiu-se *Guilherme Tell*: cantou Duprez.

A celebre opera *Roberto do Diabo* completou neste Theatro 300 representações, com a estrêa de um novo cantor. Chama-se Gueymard e é do conservatorio.

A Favorita foi novamente applaudida. Duprez, Barrelhet e Madame Masson enthusiasmaram, Jenny Lind tornou a apparecer em Londres. Cantou na *Sonnambula* e melhor do que outrora.

No Theatro de Covent-Garden, representou-se a *Cenerentola*. Alboni alcançou um grande triunfo e Tamburini egualmente.

Em Vienna repetiu-se — *O Campo da Silesia*.

Em Maestricht um celebre artista deu um concerto em que se mostrou habil rabequista, eximio professor de piano e destincto compositor. Chama-se Eclezert.

ANNIVERSARIO DE SCHILLER.

447 Em 8 do corrente celebrou-se em Stuttgard o anniversario do nascimento do mais inspirado dramaturgo allemão.

Foi uma festa nacional.

As orchestras executaram entre varias peças de um subido merecimento, o *Hymno da Liberdade* por Weber e a *Patria do Allemão* por Reichardt.

NOVA GLORIA PARA O FORO PORTUGUEZ.

448 No dia 20 do corrente, o Sr. Carlos Zeferino Pinto Coelho, completou o triumpho que havia começado a alcançar na audiencia, de que já demos ampla noticia neste jornal.

A causa voltou de novo á discussão; e o Sr. Pinto Coelho, erguendo novamente a sua voz na sala do Tribunal, demonstrou plenamente quanto são fundadas as esperanças, que em tão brilhante ornamento póde ter a advocacia portugueza.

O seu segundo discurso foi ainda mais logico e mais fluente do que o primeiro.

O Sr. Pinto Coelho compreendeu, que devia fallar á rasão e ao coração. A rara perspicacia do seu talento; a analyse rigorosa do seu espirito subjugavam e venciam todos os obstaculos ou argumentos que se podessem oppor ao livramento do accusado.

A inspiração que o dominava, os sentimentos beneficos da sua alma, reflectidas no enthusiasmo das suas palavras e nas inflexões sympathicas da sua voz, eram os meios que no coração de todos influiam em favor do réo.

É mister muito talento, e muito estudo, para saber dirigir, por tal arte, uma defensa de tanta monta, já o dissemos, e ainda hoje o repetimos, esta defensa é bastante para estabelecer a reputação de um advogado.

Além dos sentimentos que o inspirassem como amigo dos pobres, como bom filho, e como homem que se interessa pela boa sorte dos seus similhantes, observámos neste processo, que o Sr Pinto Coelho deu solemnes provas de saber tirar partido de tudo quanto póde ser favoravel á causa que defende, a ponto que a logica inflexivel e judiciosa com que sabe ligar todas as suas luminosas observações, ha de sempre alcançar-lhe muita gloria e avantajados resultados, tanto na defensa das causas crimes, como das causas civeis, onde talvez ainda estas qualidades de excellente advogado são mais indispensaveis.

O triumpho alcançado no dia 20 pelo Sr. Pinto Coelho resume-se em pouco.

No banco dos réos se assenta um homem que tem a cabeça debaixo da espada da justiça, ou a vida captiva de um illimitado e longo captiveiro.

Este homem é pobre, os seus thesouros são a mãe a quem servia de amparo, e que o chora como perdido para sempre.

É nesta situação afflictiva que o Advogado declarando-se defensor do desgraçado leva a esperança a dois corações amargurados.

Ergue a voz, e não pede só á justiça a vida desse homem, pede-lhe a liberdade.

Ao sobrenatural encanto da voz do talento e da charidade, o quadro sinistro da condemnação transforma-se na scena alegre da vida e da liberdade cortada pelas lagrimas da gratidão.

O accusado é absolvido, e o Advogado fugindo da recompensa, que o procura, acha-se abraçado por uma mãe e por um filho, pagando-lhe ambos com lagrimas o que se não póde pagar nem com a gratidão eterna. A alegria que lhe illumina o rosto turva-se tambem pela ternura do quadro, e os numerosos espectadores deste acontecimentos abençoam, como nós, o advogado novel que assim começa a brilhante carreira da illustre profissão para que tam felizmente se dedicou.

PRAÇA DE LONDRES.

449 16 DE MAIO DE 1848.

FUNDOS INGLEZES.

Do Banco	7 p.º	188	191	Por 100.
Consolidados	3 »	83	$\frac{1}{8}$	Por 100.
Redusidos	3 »	$81\frac{3}{8}$	$\frac{5}{8}$	»
Fundos	$3\frac{1}{4}$ »	$82\frac{3}{8}$	$\frac{5}{8}$	»
Exchequer bills		40	45	Premio.

ESTRANGEIROS.

Belgas	$4\frac{1}{2}$ »	Sem cotação.		—
Brasileiros	5 »	67	70	Por 100.
Dinamarquezes	3 »	Sem cotação.		—
Hispanhoes	5 »	12	$\frac{1}{2}$	»
D.os	3 »	21	$\frac{1}{2}$	»
Hollandezes	4 »	61	63	»
D.os	$2\frac{1}{2}$ »	41	43	»
Mexicanos	5 »	$15\frac{1}{4}$	$\frac{3}{4}$	»
Portuguezes	4 »	$16\frac{1}{2}$	$17\frac{1}{2}$	»
D.os consolid., 1841	—	$16\frac{1}{2}$	$17\frac{1}{2}$	»
D.os divida interna.	—	Sem preço.		—
Russos	5 »	84	88	»

CAMBIOS.

Lisboa		52	—	Por 1$000 rs.
Porto		$51\frac{3}{4}$	$\frac{7}{8}$	»
Rio de Janeiro		$24\frac{1}{2}$	25	»
Bahia		—	—	—
Amsterdam		$12\frac{1}{4}$	$\frac{1}{2}$	£
Hamburgo	13	$14\frac{1}{2}$	15	»
Paris	25	30	35	»
Genova	25	80	90	»
Trieste	11	30	40	»
Vienna	11	30	40	»
Madrid		41	$\frac{1}{2}$	Pezo.
Cadiz		45	$\frac{1}{2}$	»

RECTIFICAÇÃO.

450 O Redactor da REVISTA, pelo que deve a si como homem e como jornalista, julga dever rectificar o artigo d'este jornal, intitulado — Simples observações sobre a avaliação dos quadros da Bemposta — retirando por este modo tudo quanto ahi esteja escripto, ou nos artigos anteriores, em favor do Sr. Tirinnanzi. O Redactor é obrigado a proceder d'este modo, pois que á vista da franca declaração, que no dia 17 do corrente fez ao referido Sr., dando-lhe, não só conhecimento do que em abono das avaliações havia escripto, em o n.º 2 d'este jornal e declarando-lhe, que os artigos não eram communicados ou anonimos, mas d'elle Redactor, como no dia 18 publicamente confirmou no artigo citado, não podendo por tanto haver da sua parte intenção de *menoscabar* ninguem, nem *fins* que lhe não sejam honrosos, ou indisposições que não podem existir; viu com admiração, senão com outro sentimento mais forte, que o tal Sr. Tirinnanzi publicou, em o *Patriota* do dia 20, uma carta, que, na presença do que o seu proprio auctor já sabia, contém asserções falsas e infundadas, ás quaes o Redactor não responde, porque não porá nunca o seu caracter e intenções ao nivel do que possa pensar quem procede deste modo. Repetil-as depois do acontecido foi um facto, que o decoro devido ao publico evita que se qualifique, mas que justifica completamente a presente rectificação.